

## Devastação amazônica cai pouco

O governo anunciou redução de 2,6% na área da floresta amazônica devastada em 99 em comparação a 98.

O total desmatado no ano passado —16.926 km<sup>2</sup>— equivale a três vezes a área do Distrito Federal. Pág. 1-18

### Total desmatado

De 74 a 98, o desmatamento na floresta amazônica foi de

**551.782** km<sup>2</sup> ou

**14%** da área total



INSTITUTO  
SOCIOAMBIENTAL  
Documentação  
Fonte: FSP  
Data: 12/4/2000 pg. 1-1 e 1-18  
Class.: 317

1 ■ 18 FOLHACIÊNCIA quarta-feira, 12 de abril de 2000

AMAZÔNIA Diminuição de 2,6% na área devastada de 98 para 99 ainda se baseia em dados preliminares do Inpe

# Governo vê 'queda' no desmatamento

VALÉRIA DE OLIVEIRA  
free-lance para a Folha

Pelo menos 14% da floresta amazônica foi devastada até o ano de 98, anunciou ontem o ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, com base nos últimos dados do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

Os números referentes ao ano passado ainda não foram concluídos, mas a estimativa do Inpe é que houve uma queda dos 17.383 km<sup>2</sup> desmatados somente em 98 para 16.926 km<sup>2</sup> no ano passado. Sarney Filho considerou o resultado uma vitória.

Os números do Inpe são relativos principalmente à devastação provocada para implementação de atividades agropecuárias. Não fazem parte dos estudos números relativos à destruição provocada por madeiras e incêndios naturais, mais difícil de detectar com imagens de satélite.

O diretor da unidade política do Greenpeace no Brasil, Flávio Montiel, concordou com o ministro em que houve um "estancamento" na devastação da floresta. "Mas ainda há uma taxa média anual de 14.000 km<sup>2</sup>, que para nós é inadmissível", disse.

O total desflorestado, computado o ano de 99, seria de 568.708 km<sup>2</sup>. Do total verificado na redução, segundo o ministro, 20% estão localizados no chamado Arco do Desflorestamento, área considerada crítica da devastação. Houve também uma redução de 20% no número de focos de queimadas de 98 para 99.

A organização não-governamental WWF (Fundo Mundial para a Natureza) considerou as taxas do Inpe uma "comprovação" de que as medidas adotadas pelo governo federal foram insuficientes "para conter a destruição das florestas".

A avaliação do ministro é diferente. Ele considera que houve

um estancamento na tendência de aumento da devastação, que precisa ser consolidada este ano. "Os índices ainda são assustadores, mas as ações implementadas pelo ministério na região têm ajudado a diminuir o ritmo", disse.

Sarney Filho afirmou que o fortalecimento do poder de polícia do Ibama e o aprimoramento da legislação ambiental foram os responsáveis pelo recuo nos números. Segundo ele, com a regulamentação da Lei de Crimes Ambientais, "que vai surtir maior efeito este ano", a multa a ser aplicada aos infratores passou de R\$ 4.900 para até R\$ 50 milhões.

Segundo Sarney Filho, os sem-terra assentados na Amazônia e os agricultores são os que mais desmatam a floresta. Ele disse temer que alianças eleitorais entre prefeitos e madeireiros pressionem, este ano, os números da devastação para cima.

Por ano, as madeiras devastam, segundo ele, 2.000 km<sup>2</sup> na floresta. "Estamos felizes, mas não estamos rindo à toa", disse, acrescentando que, no próximo ano, o ministério terá mais instrumentos para coibir abusos.

Montiel criticou o governo federal por assentar agricultores na floresta. "Os pequenos desmatamentos (dos assentados) concentram-se na floresta densa e, com os assentamentos, há a abertura de uma frente de expansão, porque ele amansa o mato e, em seguida, vem o grande pecuarista."

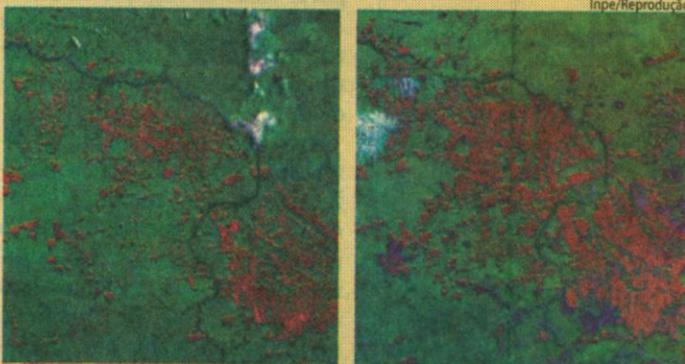
### Só 3,5% de proteção

O WWF sugere a criação de novas áreas protegidas na Amazônia, afirmando que, atualmente, elas significam apenas 3,5% da área total. A ONG quer também a aprovação da medida provisória que modifica o Código Florestal e mantém a obrigatoriedade de preservar 80% das propriedades rurais na região.

Segundo o WWF, é preciso, ain-



### O avanço do desmatamento



Imagens obtidas por satélite Landsat, em setembro de 1990 (à esq.) e em agosto de 1998 (à dir.), mostram aumento do desmatamento (em marrom) de área amazônica

da, adotar uma política de fomento ao manejo sustentável das florestas que hoje não são exploradas. Segundo a ONG, desde 70 a Amazônia perdeu 15% de sua vegetação nativa. O WWF ressalta que o Brasil, dono de um terço das florestas tropicais, é o segundo maior país que mais desmata no mundo. O primeiro é a China.

A evolução da devastação pesquisada pelo Inpe mostra que, com o passar dos anos, áreas maiores da floresta passaram a ser devastadas mais rápido.

Em 11 anos (de 77 a 88), 21.130 km<sup>2</sup> foram desflorestados, enquanto 29.059 km<sup>2</sup> passaram pelo processo em apenas um ano—entre 94 e 95.

### ANÁLISE

## Não é bem o caso de comemorar

MARCELO LEITE  
Editor de Ciência

O Brasil é provavelmente o único país do mundo que pode se dar ao luxo de comemorar o desmatamento de uma superfície equivalente a dois terços da Sicília. Ou, numa comparação mais palatável a Brasília, três vezes a área do Distrito Federal—em um único ano.

A destruição acumulada da Amazônia bateu em 551.782 km<sup>2</sup>, 14% da área que ocupava. Ainda é a maior floresta tropical do mundo, mas o Brasil só precisou das duas últimas décadas para dizimar 10% dela.

Não é só do ponto de vista absoluto que os 16.926 km<sup>2</sup> estimados para 1999 sobressaem. Também em termos relativos o número é elevado, pois repete o dado de 1998—ou seja, uma consolidação do aumento de mais de 30% com relação ao ano anterior, 1997.

O governo pode falar em "estancamento" e tendência de queda, apoiado na suposta redução de 2,6%, mas é preciso ir devagar com os números. Antes de mais nada, porque o dado de 1999 não passa de uma estimativa, sujeita a revisão.

As projeções anteriores (1997 e 1998) sofreram correções de 1,5% e 3,1%, respectivamente. Assim, nem mesmo existe segurança de que houve redução de 1998 para 1999, pois os 2,6% de diminuição estariam dentro do que se pode chamar de margem de erro da estimativa.

Além disso, as cifras em torno de 17.000 km<sup>2</sup> dos dois últimos anos põem o país num patamar mais próximo da década de 80, quando o desmatamento da floresta amazônica chocou o mundo. Houve desaceleração no começo dos anos 90, mas desde então os números foram sempre superiores.

Não é de estranhar que organizações não-governamentais reajam negativamente diante dos dados e de sua interpretação benigna pelo governo.

"O que foi feito hoje (a divulgação dos números em Brasília) é uma manipulação, um absurdo", disse João Paulo Ribeiro Capobianco, do Instituto Socioambiental de São Paulo (ISA). "E feita no (próprio) Ministério do Meio Ambiente."

Capobianco afirmou ainda que, segundo cálculos do ISA, os maiores desmatamentos alcançam hoje muito mais áreas de floresta densa, onde estão as árvores de interesse das madeireiras. Essa atividade estaria financiando a derrubada, agora que não há mais os incentivos fiscais dos anos 70 e 80.

"O fato de que os dados de 1999 apontam para uma mudança muito pequena em relação aos de 1998 demonstra que a ação governamental tem efeito limitado sobre as dinâmicas econômicas", declarou o ambientalista Roberto Smeraldi, da ONG Amigos da Terra.

Smeraldi acredita que a tendência para a destruição só poderá ser combatida com mecanismos de mercado, como o grupo de compradores de madeira certificada—produzida de modo racional e sustentável—por ele coordenado e que teve seu lançamento oficial ontem, em São Paulo.